

Eduardo

Spoth

A Torre
das Almas


Editora
Draco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Torre das Almas

Eduardo Spohr

primeira edição

editora draco

são paulo 2012

Eduardo Spohr

nasceu no Rio de Janeiro, em junho de 1976. Jornalista de profissão, formou-se pela PUC-RJ no ano de 2001, e se especializou em mídias digitais. Trabalhou como repórter no Cadê Notícias, na StarMedia, no iG e depois como editor do portal Click21. É participante do NerdCast, o podcast do site Jovem Nerd, e autor do romance A Batalha do Apocalipse. Atualmente, além de seus projetos gráficos, ministra o curso Estrutura Literária – A Jornada do Herói no Cinema e na Literatura, na faculdade Hélio Alonso (FACHA).

© 2012 by Eduardo Spohr

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Publisher: Erick Santos Cardoso

Produção editorial: Janaina Chervezan

Revisão: Andréia Szycypula e Karlo Gabriel

Ilustração de capa: Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Spohr, Eduardo

A Torre das Almas / Eduardo Spohr - São Paulo: Draco, 2012

1. Contos brasileiros 2. Literatura Brasileira I. Título

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

1^a edição, 2012

Editora Draco
R. José Cerqueira Bastos, 298
Jd. Esther Yolanda - São Paulo - SP
CEP 05373-090
editoradraco@gmail.com
www.editoradraco.com
www.facebook.com/editoradraco
Twitter: @editoradraco

Nada de torres de ouro, catedrais cintilantes ou campos floridos. Esta história começa em um ambiente bem mais singelo – uma praça de subúrbio, sob o sol vespertino, ao som de crianças jogando bola em um campinho de futebol ali perto.

Sentada em um banco de concreto, diante de uma mangueira sem frutos, Kaira observava o conjunto habitacional com seus varais apinhados e antenas de TV. Era uma bela jovem (ou assim parecia), ruiva clara, de cabelos longos e olhos azuis. Sardas pontilhavam a tez sob os olhos. Vestia-se despojada, com jeans, camiseta e um fino casaco de moletom. Em pé, ao seu lado, um homem alto fazia a segurança. Seu nome era Zarion, um querubim de corpo atlético, pele negra e olhar felino. Usava roupas esportivas, para facilitar os movimentos em caso de luta, com tênis de corrida e jaqueta de lycra.

Um táxi de luxo – quatro portas, último modelo – estacionou na rua atrás da pracinha. Mariah saiu do automóvel com todo o cuidado para não sujar o *tailleur* verde-musgo. Prendeu os cabelos negros em um coque e caminhou na direção de sua líder.

– E então, quem falta? – os serafins às vezes lembram diretores de empresas cobrando os relatórios do mês. Mas era a ishim Kaira quem chefiava a missão.

– Ismael – respondeu Zarion. Ele era um anjo guerreiro, e como qualquer soldado tanto suas respostas quanto ações eram precisamente diretas.

– Não dá para acreditar que Gabriel indicou um *carrasco* para nos acompanhar. A casta reúne a maior corja de desagradáveis que eu já

conheci – os serafins também gostam de reclamar. É uma mania inerente à sua ordem.

– O que conseguiu na polícia? – perguntou Kaira, censurando a conversa.

– Não mais do que já sabíamos. A mulher que viemos investigar suicidou-se há três dias. Uma senhora simpática, alegre, adorada por todos, acima de qualquer suspeita, 58 anos. Os vizinhos não entenderam como ela pôde se atirar da janela. Até aí, sinceramente, não sei por que nos mandaram para cá.

– É óbvio – disse uma quarta voz, que se aproximava pela pracinha. – Ela foi induzida ao suicídio.

– Ismael – reconheceu Kaira. O recém-chegado era um hashmalim, a casta celeste de juízes e executores. Em sua forma material, chamada de *avatar*, Ismael tinha a aparência madura, em contraste com seus aliados, mais jovens fisicamente. A pele era morena, como a dos povos semitas, e o corpo era magro, ossudo. A voz grave dava a ele um ar magistral.

– Nunca escutei uma hipótese tão ridícula – alfinetou Mariah, em resposta a Ismael. – E mesmo que fosse, o que nós, *anjos*, temos a ver com isto?

– É o que vamos descobrir – decidiu Kaira. Era uma ishim, mestra na província do fogo. Os ishim ocupavam a linha de frente do exército de Gabriel, desde que o arcanjo refugiara-se na Cidadela do Fogo, fazendo dali sua fortaleza na guerra civil contra o príncipe Miguel.

A desconfiança de Mariah a respeito de Ismael não era de todo infundada. Os hashmalim são os anjos da punição, e seus instintos

os colocavam diretamente contra os ideais humanistas de Gabriel. Ismael declarara-se aliado aos rebeldes, abertamente, mas isso não o livrava do preconceito.

– Tem alguma coisa aí dentro – pressentiu Ismael, deslizando os dedos sobre os números desgastados da porta.

– Que coisa? – estranhou Kaira.

– Nada que não possamos enfrentar.

– Zarion – a ruiva deu uma ordem, e o querubim forçou a maçaneta, arrebentando o trinco sem muita dificuldade.

No apartamento minúsculo, de um só quarto e banheiro, a bagunça reinava. A polícia já estivera ali, mas provavelmente decidira não alterar a desordem – a televisão estava em pedaços, roupas íntimas cobriam o chão e papéis rasgados forravam a cama. Uma grossa camada de poeira sujava a superfície dos móveis.

– Não tem ninguém aqui – constatou Mariah. O que ela queria era desafiar Ismael.

Zarion começou a farejar, procurando indícios da passagem de qualquer criatura não humana – os querubins têm sentidos de predador, e podem rastrear suas presas por vários quilômetros. Kaira investigou os papéis. Mariah andou até o banheiro.

– O tecido é mais suave deste lado. Isto é comum?

– Eu disse que tinha alguma coisa neste apartamento – avisou Ismael, empurrando Mariah para o lado. Entrou no lavatório, tocou os azulejos, correu os olhos sobre a pia e, de repente, sua visão se perdeu no reflexo do espelho.

– Algum pressentimento? – perguntou Kaira. Os hasmalim são hábeis em perceber indícios e impressões espirituais.

– Acho que encontramos uma testemunha que os policiais não puderam interrogar.

– Onde? Além do tecido?

– Justamente. Não sei bem o que é. Posso me desmaterializar agora, mas gastarei muita energia na volta. Acha que vale a pena?

– Mariah pode regular a membrana, temporariamente – Kaira olhou para a serafim.

– Mas eu... – Mariah não queria facilitar as coisas para Ismael, mas entendeu que era uma ordem. – Está bem.

Com uma simples concentração mental, a maioria dos serafins é capaz de distender o tecido da realidade, a fronteira invisível que divide o mundo físico do espiritual, facilitando a manifestação de efeitos místicos diversos, incluindo a materialização e desmaterialização de entidades celestes. Mesmo contrariada, Mariah ampliou suas qualidades mentais e sentiu como se esticasse um fragmento queimado de borracha, tornando-o mais frágil. O corpo de Ismael formigou, foi ficando dormente, até que seu avatar dissipou-se. No instante seguinte, estava em um banheiro, igual àquele de onde saíra, à exceção de um jovem magricelo agachado na banheira, tremendo, com os punhos cortados. Não deveria ter mais do que 20 anos: era branco, pálido, de cabelos castanhos, e estava nu! Quando viu Ismael, ele se levantou.

– Onde vocês estavam? Por que me deixaram aqui? Deixa eu sair, me deixa morrer! – o jovem se desesperou. – Me tira daqui, pelo amor de Deus. Quero morrer!

– Devagar – disse Ismael. – Vamos com calma. Vocês *quem*?

– O anjo das trevas, porra! Ele me prendeu aqui. Por que não me deixou morrer, caralho! Eu só quero morrer – o rapaz aproximou-se de Ismael, mas ele não tinha muita paciência com almas penadas.

Quando o jovem veio ao seu alcance, Ismael o agarrou pelo pescoço e o jogou contra o espelho, numa pancada violenta. No plano material, Kaira, Zarion e Mariah sentiram a parede tremer, tal qual um fenômeno *poltergeist* – na verdade, era exatamente isso. Ismael prendeu o fantasma pela garganta, ameaçando enforcá-lo.

– Me larga, cacete! Deixa eu ir embora, estou preso nesta merda. Eu quero morrer!

– Nem isto você soube fazer direito, seu pedaço de bosta! São imbecis como você que corrompem a Criação. Sabe o que a gente costuma fazer com suicidas? Sabe? – gritou.

– Não, não, não! – o rapaz berrava de medo, completamente apavorado. Ismael abaixou o tom de voz para, enfim, persuadi-lo.

– Para começo de conversa, corrija o vocabulário. Quem te ensinou este palavreado?

– O que você quer? – gaguejou o fantasma.

– O que aconteceu? O que foi que você viu? Que história é esta de anjo das trevas?

– Você vai me tirar deste lixo? Vai me deixar morrer?

– Você quer morrer? Acha que vai sair daqui direto para o Paraíso?

– Eu só quero morrer! – esgoelou-se o rapaz. Ele falava coisas sem nexos, e Ismael o lançou contra a banheira, para avivar suas ideias.

– Eu te tiro daqui – concordou Ismael. – Pode começar a falar.

Os hashmalim têm esta habilidade medonha de aprisionar certas almas não só em determinados lugares como em objetos materiais. Isso inclui os corpos físicos de pessoas vivas e até avatares! O efeito é semelhante àquele conhecido como *possessão*.

– Era uma *coisa* como você. Não igual, mas com a mesma energia. Dá pra sentir – o jovem relaxou enquanto falava. – Capuz negro, rosto invisível, olhos vermelhos, asas... Ele me *jogou* dentro da velha. Na hora, eu nem percebi. Acordei, e de repente estava vivo de novo. Eu me desesperei. Olhei para janela, me joguei. Nem pensei.

– E depois?

– O anjo das trevas me trouxe de volta para cá, e me trancou neste banheiro. Por que, porra? Por que eu não consigo sair? Por que eu não posso sair?

Queima de arquivo, na certa – imaginou Ismael. – *Como não se pode matar um espírito, a alternativa é prendê-lo.*

– Preferia estar no inferno – o suicida voltou a ficar agressivo. – Eu quero morrer!

Os hashmalim não são exatamente bondosos, e têm um peculiar senso de justiça. Mais para encerrar a gritaria do que para socorrer o fantasma, Ismael sugou a alma com as mãos, e a guardou consigo. Os anjos da punição podem reter um número limitado de almas, por algum tempo.

Investigação encerrada, Ismael materializou-se no banheiro, passando ao mundo físico enquanto o tecido estava delgado. Fatigado pelo gasto de energia, correu até a geladeira e bebeu uma caixa inteira de leite.

– Notícias do além? – apressou-se Kaira.

– Só uma – respondeu Ismael, ofegante. – Foi um anjo da minha casta.

Já era noite quando Kaira, Ismael, Mariah e Zarion tomaram o metrô que deixava o subúrbio, ainda perdidos sobre o que fazer ou para onde ir. O vagão estava vazio, o que era comum àquela hora, dando aos celestiais a privacidade necessária para discutirem sobre a missão.

– Não faz sentido para mim – avaliou Kaira. – Se os hashmalim podem capturar a alma de qualquer ser humano, estando eles vivos ou mortos, então porque precisavam de um fantasma para induzir a vítima ao suicídio?

– A alma humana tem poderes ainda não totalmente compreendidos por nós, nem por *eles* – ponderou Ismael. – Magia, paranormalidade, fé... Se alguns mortais podem repelir o assalto de demônios e espíritos malignos, porque também não poderiam evitar o ataque de anjos?

– Outra teoria idiota – provocou Mariah. – Nós somos servos de Deus.

– Todos nós, tem certeza? – manobrou Ismael. – Então por que você está lutando esta guerra, Mariah?

– Ei – chamou Zarion, mudando de assunto. – Não deveríamos estar indo para o centro da cidade?

– Não estamos? – Kaira se levantou.

– Acabamos de passar direto por uma estação, sem parar.

– O trem está descontrolado – percebeu Ismael.

Zarion enfiou a mão dentro da jaqueta e materializou sua espada, tirando uma lâmina de meio metro de onde não havia absolutamente nada.

– Tem alguém se aproximando. Há passos no teto – o querubim ergueu a espada e assumiu posição defensiva. Kaira inflamou as mãos com tremulantes labaredas vermelhas.

– Zarion, tire os outros daqui. Agora! – ordenou a líder. O guerreiro arrombou a porta traseira, agarrou Ismael e Mariah e os arrastou para o vagão logo atrás.

Kaira sentiu cheiro de pólvora e escutou um som engasgado além do forro de aço. Não esperou para ver o que era. Apontou os dedos para cima e disparou um jato de chamas, derretendo o metal como manteiga na brasa. O fogo fez o teto desabar, e junto ao ferro derretido, caiu uma celestial em forma humana, desnorteada pelo calor. Tinha cabelos curtos, louros, e carregava duas pistolas de grosso calibre.

Na outra composição, Zarion decidiu voltar para ajudar sua líder, mas quando ia cruzar a porta uma lâmina curva, afiadíssima, quase decepou sua cabeça. Recuando, viu entrar no vagão um soldado inimigo, de espada na mão, cabelos longos e claros. O corpo magro o tornava extremamente veloz. Não vestia roupas modernas – seu traje lembrava um quimono de algodão cru, branco, preso por um cinto dourado.

– Aonde pensa que vai, adorador de animais? – os subordinados ao arcanjo Miguel assim se referiam aos seguidores de Gabriel.

– Ora, cale-se! – Zarion fez um movimento com a espada, obrigando o adversário a se mover rápido. O inimigo avançou em

seguida, Zarion deu um passo atrás e de uma hora para outra estavam engajados em uma troca de golpes tão rápida que era arriscado qualquer um chegar perto.

No carro à frente, a mulher-anjo mirou a pistola contra a cabeça de Kaira, mas a ishim fez a empunhadura da arma ferver, e a inimiga não teve alternativa a não ser largar os artefatos no chão. A ruiva aproveitou a distração, pegou uma barra de aço ainda quente e acertou a rival nas costelas, depois na cabeça, deixando-a inconsciente no banco do trem.

No vagão anterior, a lâmina do guerreiro passou raspando no rosto de Zarion. O querubim esperou que ele atacasse de novo e o agarrou como nas lutas de boxe, anulando a distância necessária aos golpes de espada. Como era mais forte, segurou o soldado pela cintura e o arremessou através da janela. O pescoço quebrou ao encontrar a parede do túnel e o corpo resvalou para baixo dos trilhos, para ser mutilado pelas rodas de ferro.

O trem perdeu velocidade e os anjos regressaram à companhia de Kaira.

– Esta aqui está viva – avisou a ishim, referindo-se à inimiga desmaiada, ferida com o bastão de metal.

– Armas de fogo, habilidade de controlar máquinas – analisou Ismael. – Uma elohim, sem dúvida.

– Outra peça do quebra-cabeça. O que eles querem conosco? Mariah tocou a testa da mulher-anjo, ainda esparramada nos bancos.

– Vou descobrir.

Enquanto os hashmalim são mestres na arte de controlar almas, os serafins são hábeis no conhecimento da mente. É claro que é possível resistir a estas investidas psíquicas, mas aquela elohim estava indefesa – uma vítima perfeita para Mariah.

– Estão preparados? – instigou a serafim, ao concluir a sondagem da mente.

– Vá ao ponto – rosnou Zarion.

– Alguém conhece um anjo chamado Henocho?

– É um líder de minha casta. Abraçou a facção de Miguel e se tornou um arauto do príncipe. O que tem ele? – disse Ismael.

– Sua casta não é nada fácil, hein?

– Diga logo o que viu, Mariah – até Kaira já estava perdendo a paciência com ela.

– Henocho. Ele está estabelecendo uma coleção de almas e as guardando em sua torre. Por algum motivo ele escolheu o plano físico para erguer sua fortaleza. Não me perguntem o porquê.

– Conseguiu ver onde fica esta torre?

– Boas ou más notícias primeiro?

– Boas.

– Perto. A má: Henocho está esperando por nós.

As informações de Mariah levaram os quatro anjos aos limites da cidade, onde um terreno pantanoso fora transformado em lixão, com colinas irregulares de plástico, papel e madeira. Carcaças de animais levantavam um aroma fétido, atijando os urubus e decorando o horizonte com uma negra paisagem de esgoto e dejetos. No leste, um prédio em ruínas contrastava com a pintura rósea do

sol que nascia. Era circular, tinha formato de torre, e certamente fora abandonado ainda durante a fundação.

– Não me espanta que esse tal de Henoch tenha escolhido o mundo físico como base. Só os cães e os indigentes vêm aqui – observou Mariah. – Mas o prédio parece desguarnecido.

– Às vezes a melhor defesa é simplesmente não chamar atenção – opinou Kaira. – Todos prontos?

– É bom que estejamos mesmo – advertiu Ismael. – Henoch é um arauto. Não se esqueçam disso.

Os arautos são anjos de grande poder, que frequentemente recebem missões diretamente dos arcanjos. Os celestiais nem pensaram em recuar, mas entenderam o que Ismael queria dizer.

Eles não tinham a menor chance.

O primeiro andar do prédio não tinha paredes. Vigas de aço sustentavam a estrutura da torre, dando forma a um pátio interno de vergalhões entortados. Estavam no lugar certo, sem dúvida. A construção era, toda ela, como um grande *santuário*: uma área no mundo físico onde o tecido da realidade é finíssimo, possibilitando aos anjos manifestarem suas asas, armas e poderes sem qualquer dificuldade.

Um elevador industrial levava aos níveis superiores, e parecia o único meio de acesso ao refúgio de Henoch. Kaira olhou para o ascensor e calculou as opções.

– Em caso de incêndio, use a escada – advertiu Mariah. Não era exatamente uma piada. Os serafins têm essa mania de usar subterfúgios linguísticos.

– Infelizmente é a única passagem aos andares acima – lamentou Kaira.

– Vamos logo – propôs Zarion, puxando a espada.

– Vamos – determinou a líder. – Se Henoch é assim tão poderoso, já poderia ter nos matado.

Entraram no elevador. Só havia um botão – e subia.

A porta pantográfica abriu, dando acesso a um ambiente exótico para uma moderna torre de concreto. Na câmara adiante, os anjos que ali moravam haviam construído (não se sabe como) uma rotunda gótica, muito parecida à abside das catedrais, com vitrais multicolores e estátuas de mármore. Colunas medievais seguravam o teto, e no fundo da sala, onde seria o altar, uma figura horripilante ocupava um trono dourado.

Henoch tinha galgado a hierarquia dos hashmalim e agora era um algoz de Miguel. Vestia uma túnica preta, com enormes asas que surgiam das costas. O corpo era físico, mas tinha a forma de um borrão negro, com apenas os olhos vermelhos visíveis sob o capuz. Ao redor dele, nas paredes da câmara, Ismael reparou que em alcovas minúsculas pulsavam pálidos pontos de luz – era ali que o inimigo guardava suas almas roubadas.

– É só dar a ordem – pediu Zarion, aguardando a permissão de Kaira para principiar o ataque.

– Não vejo por que esperar – e autorizado ao combate, o querubim partiu com toda a energia para cima de Henoch, que nem se mexeu na cadeira. Usando seus poderes de arauto, ergueu um tentáculo de sombras que golpeou Zarion tão forte que o jogou contra a parede.

O querubim caiu desacordado num ângulo da sala e sua espada rolou aos pés do inimigo.

Notando o perigo, Kaira preparou suas rajadas de fogo. Antes disso, porém, o mesmo pseudópodo de trevas levitou a arma de Zarion e a arremessou sobre a ruiva. A lâmina entrou fundo no peito, a milímetros do coração, deixando a celeste viva, mas agonizando numa poça de sangue.

Quase ao mesmo tempo, Mariah investiu com seu *choque mental*, a única tática de ataque que conhecia. Henocho percebeu sua intenção e respondeu com uma estratégia macabra. Levantou o dedo e uma alma, daquelas guardadas nas alcovas, saiu voando na direção da serafim, unindo-se ao seu corpo físico. Embora não letal e de curta duração, esta técnica deixava os avatares confusos e indefesos por algum tempo. Mariah tombou no piso de mármore, assaltada por fortes espasmos e convulsões.

Ismael não tinha saída. Mas para ele, surpreendentemente, o adversário reservara outro destino.

– Ismael – Henocho falou pela primeira vez, e apesar de ser um anjo, sua voz era demoníaca. – São seus amigos?

Ismael ficou em silêncio. Não tinha o que falar.

– Patéticos. Admira-me ver você entre eles. Uma vergonha. A maioria dos anjos de sua casta está com o arcanjo Miguel – Ismael começou a entender os planos de Henocho. – Vai querer vir conosco?

Como se eu tivesse opção – pensou.

– Por que lutar para defender esses porcos de barro, Ismael? – Henocho continuou. – Vamos purificar o mundo. Começar tudo de novo.

– O que são essas almas? – Ismael apontou para os nichos na parede.

– Uma genialidade minha. Eles são os iluminados, homens e mulheres que têm salvação garantida. E pode acreditar, não são muitos. Vamos usá-los para invadir o Terceiro Céu.

Ismael engoliu em seco. O Éden Celestial era uma camada reservada aos santos, e demarcava uma fronteira segura entre os níveis superiores, controlados pelo arcanjo Miguel, e as camadas inferiores, território de Gabriel. Se o inimigo invadissem o Terceiro Céu, usaria a dimensão para lançar uma ofensiva esmagadora contra as legiões rebeldes.

– Nenhum anjo pode entrar no Terceiro Céu.

– As almas dos justos nos mostrarão o caminho. Logo, as forças revolucionárias serão destronadas. A guerra terminará, e voltaremos nossas atenções para limpar esta sujeira – e Henoch perguntou pela última vez. – Você vem comigo?

Ismael preferiu ajoelhar-se, num gesto de submissão. E assim, quase se arrastando, aproximou-se de Henoch, até aceitar sua mão.

– Melhor deste jeito, Ismael. Melhor deste jeito – a sensação de vitória era clara na voz cavernosa. – Mas ainda não me respondeu. Por que desertou? O que o fez se aliar a este bando de insurgentes?

– Espero que me perdoe, irmão. Mas você já deveria saber. Eu nunca me rebelei. Eu sou um anjo, e este é o nosso propósito. É a vontade de Deus.

Antes que Henoch pudesse digerir a resposta, sentiu um estranho formigamento na palma, e a seguir uma sensação de impotência o

dominou. Alguma força externa apoderava-se dele, roubando o controle de seu avatar.

Ismael se levantou e tomou uma distância segura do anjo das trevas, à medida que ele tremia, gritava, berrava. Era como se estivesse... *possuído*.

Naquele exato instante, Zarion recuperou o vigor e viu quando o inimigo, enlouquecido e desesperado, correu na direção da janela.

– Eu quero morrer! Me deixem morrer!

Totalmente fora de si, Henoch estilhaçou o vitral e despencou para a morte. Como o tecido era mais grosso lá fora, suas penas queimaram, a forma de sombras regrediu e finalmente seu corpo encontrou o chão de concreto. Mariah, ainda meio tonta, enfiou a cabeça através da vidraça e enxergou o cadáver perfurado por meia dúzia de vergalhões, quarenta metros abaixo.

– Incrível. Eu não teria pensado em nada melhor.

Kaira estava ferida, mas fora de perigo. Zarion e Mariah não corriam mais riscos. Ismael salvara o dia. Os quatro deixaram a torre quando o sol atingia o seu zênite.

– O que aconteceu com a alma do suicida? – quis saber Kaira.

– O que acontece com a maioria dos suicidas. Deve ter sido atirada ao limbo – explicou Ismael. – Era tudo o que ele queria: morrer.

– Promessa é dívida – comentou Mariah. – E Henoch?

– Seu corpo físico foi destruído, o que significa que ele ainda pode voltar. Mas não agora. Seu coração foi perfurado, ele ainda precisará de tempo para refazer o seu avatar.

– E as almas na câmara? – Zarion estava intrigado.

- Temos que libertá-las.
- Como? – indagou Kaira.
- Os espíritos estão presos em objetos físicos. Precisamos destruir a torre. É o único jeito.
- E depois?
- Temos que nos reportar a Gabriel, imagino. Já encontramos a informação que viemos buscar.

Enquanto Ismael falava, Kaira reunia suas últimas forças para esquentar as vigas do prédio. Como havia muito lixo no térreo, o incêndio se alastrou rapidamente. As armações de aço derreteram ante aos poderes da ishim, e poucos minutos depois a estrutura toda veio abaixo.

- E qual é a informação relevante, Ismael? – insistiu a líder.
- Agora sabemos que Miguel pretende invadir o Terceiro Céu, a qualquer custo. Henoch e sua torre das almas era só um das frentes desta batalha.
- Há outras?
- Muito provavelmente.
- Então vamos encontrá-las – decidiu Kaira, limpando o sangue na roupa.
- Quando? – perguntou Zarion, faminto por mais ação.
- Agora.